

Ribeiro Darcy saboreia as suas contradições

JORNAL DO BRASIL

25 JAN 1997

O país foi formado pelos *ninguéns* – pelos mame-lucos e pelos mulatos – esses filhos de pais brancos que os rejeitavam e de mães rechaçadas: as índias e as negras. “Esse que não é ninguém, filho de ninguém, vai ter que se inventar enquanto povo e só mais tarde se afirmar como brasileiro”.

Um dito rigor científico costuma catar nas idéias de Darcy uma certa condescendência para com os proscritos. O seu pensamento conteria mais generosidade e ingenuidade do que verdade. A sua visão do índio, por exemplo, estaria contaminada por uma boa dose de romantismo rousseauiano: a bondade original, a inocência primitiva, a liberdade natural. Se sua vivência entre os kadivéu, os terena, os kaiowá, os urubus e os bororos não resultou numa suma antropológica irreparável, produziu pelo menos uma das mais líricas, edênicas e poéticas visões do paraíso perdido.

O autor de uns 40 livros, o criador da Universidade de Brasília, o inventor dos Cieps e do sambódromo não gosta de nossas classes dirigentes. Se em Rousseau, quem corrompe o homem natural é a sociedade, em Darcy, os corruptores têm um nome: a elite, que não é poupada. Segundo ele, ela olha não só o índio, mas o pobre em geral como olhava o escravo ontem: “como o carvão que se queima”. Manda o policial subir as favelas com a mesma atitude brutal do caçador de escravos. O país foi o último a acabar com a escravidão, como é hoje o pior em educação. Com um sopro poderoso

so de indignação e revolta, ele vergasta nossas classes dirigentes sem discutir mesmo se será tão inocente um povo que engendra tal elite.

Mas perde tempo quem se aproximar de Darcy à procura de contradições. É o primeiro a saboreá-las voraz e eroticamente, como faz com tudo. Muitas, ele transforma em qualidades. Experimente contestá-lo ou fazer-lhe restrição. Ele dará tanta importância quanto deu em 1974 aos militares que o deixaram voltar ao Rio de Janeiro porque tiveram a informação de que Darcy não resistiria à extirpação do seu pulmão canceroso.

Fui visitá-lo na véspera da operação e ouvi dele baixinho, como se fosse um segredo: “eles estão achando que vou morrer, ha, ha, ha. Eles não sabem que esse câncer é como meus defeitos, se é que tenho algum: é só raspar!” Para Darcy, nada mais fascinante do que ele próprio. “Gosto de me ser tal qual sou”, diz e escreve sem o menor pudor. Só por isso, é capaz de admitir que a melhor idéia de sua vida não foi dele, mas de seus pais ao concebê-lo. Carregado de humor, o seu narcisismo – o *darcisismo* – acaba sendo engraçado e justo.

Há pouco tempo, Darcy foi receber um prêmio na Biblioteca Nacional. Sentado na cadeira de rodas que passou a usar e tendo ao lado a enfermeira, ele interrompeu o discurso de elogio de Eduardo Portela, para exigir: “Palmas para mim!. Viva Darcy Ribeiro!”

As pessoas riram, mas sabiam que ele tinha razão. Já é tempo de todo mundo dizer o mesmo: Viva Darcy Ribeiro! (Zuenir Ventura)